



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

DIOGO HENRIQUE ARRUDA

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO VERDADEIRO EM PLATÃO

**CAMPINA GRANDE
2018**

DIOGO HENRIQUE ARRUDA

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO VERDADEIRO EM PLATÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A779e Arruda, Diogo Henrique.
Educação e conhecimento verdadeiro em Platão
[manuscrito] / Diogo Henrique Arruda. - 2018.
20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda,
Departamento de Filosofia - CEDUC."

1. Filosofia platônica. 2. Pedagogia platônica. 3.
Conhecimento.

21. ed. CDD 184

DIOGO HENRIQUE ARRUDA

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO VERDADEIRO EM PLATÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura plena em Filosofia, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: 06/06/2018 .


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Julio Cesar Kesting (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Wandemberg Oliveira Coelho (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado a inspiração necessária para escrever este artigo e por ter sido meu auxílio e fortaleza nos momentos difíceis que enfrentei durante o curso.

Aos meus pais e irmãos pelo incentivo, ajuda e apoio aos meus estudos e por terem me ajudado a ser o que sou hoje, através da educação e exemplo que me deram e pela dedicação e amor sem fim, mesmo com todas as adversidades da vida.

A Michele, minha esposa querida, por todos os incentivos para continuar com os estudos, por não me deixar desistir nos momentos difíceis, pelo amor, dedicação e companheirismo nos momentos que mais precisei dela e por toda paciência e compreensão que teve comigo durante esses anos.

A meu filho Miguel, que me mostrou o verdadeiro significado da palavra amor e seu real significado.

E por fim, aos professores que contribuíram de forma especial e rica para minha formação através do comprometimento e dedicação em cada disciplina ministrada, em especial ao meu Orientador Nilton Conserva por toda ajuda e orientação.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, pois sem seu auxílio esse sonho não seria possível. Aos meus pais, irmãos, esposa e filho, porque acreditaram em mim, me ajudaram e me incentivaram durante toda a trajetória acadêmica. Aos professores que contribuíram para a minha formação com seus conselhos e reflexões acerca dos conhecimentos adquiridos durante o curso de licenciatura em Filosofia.

"A educação deve possibilitar ao corpo e à alma toda a perfeição e a beleza que podem ter".

Platão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA EDUCAÇÃO PLATÔNICA.....	9
A EDUCAÇÃO DOS GOVERNANTES – FILÓSOFOS.....	11
EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO VERDADEIRO.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO VERDADEIRO EM PLATÃO

Arruda, Diogo Henrique¹

RESUMO

Um caminho de acesso ao pensamento pedagógico platônico é encontrado no seu diálogo mais conhecido, *A república*. O artigo assume como objetivo apresentar alguns aspectos deste projeto educacional discutidos na obra *A república*, de modo mais específico no seu capítulo VII, na famosa *Alegoria da Caverna*. Uma pergunta guia a nossa reflexão: Qual a ideia de educação em Platão? O contexto das teses educacionais platônicas envolve o debate com os sofistas a respeito de como deve ser conduzido o processo educativo. Assim, entender a educação em Platão implica compreender o processo de ascensão, libertar-se das imagens do conhecimento, as opiniões individuais (*doxas*), até se atingir a opinião verdadeira, o reto conhecimento (*episteme*), analisando a dialética entre o conhecimento sensível e o conhecimento inteligível. Todos estes temas importantes para uma apresentação de aspectos da pedagogia platônica encontram-se sintetizados no famoso diálogo que será objeto da nossa reflexão.

Palavras-chave: Educação. Alegoria da Caverna. Conhecimento verdadeiro.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

INTRODUÇÃO

Nosso artigo não tem a pretensão de explorar todos os temas que estão envolvidos na reflexão que Platão faz sobre a formação ideal para um cidadão grego, mas apresentar alguns aspectos do modelo de conhecimento que está configurado na famosa passagem conhecida como a *alegoria da caverna*. O conhecimento ali projetado deve guiar o processo formativo, pois este envolverá todo um esforço para que cada cidadão se afasta das aparências, das imagens da sensibilidade, para alcançar um conhecimento mais elevado.

O diálogo *A república* se constitui primordialmente numa reflexão sobre a política e a justiça, como veremos. Porém, como Platão está preocupado em pensar acerca da constituição de uma cidade ideal, muitos outros temas importantes para a organização da polis são analisados e debatidos, de forma que o conhecimento e, por extensão, a educação aparecem entrelaçados com a reflexão sobre a política e a justiça. Pois, Platão está convencido que não basta instaurar uma cidade justa, é necessário desenvolver meios de mantê-la. A educação dos cidadãos aparece como uma das pilastras de sustentação da sua república.

Assim, o trabalho procura apresentar o caminho que o homem deve percorrer por meio da educação para ser um fator de sustentação de equilíbrio na cidade ideal, pois sendo educado para a justiça e o bem, poderá alcançar uma vida feliz e justa, base de um convívio equilibrado. O filósofo analisa a educação como um dos principais meios de se obter uma República ideal, pois através dela pode-se formar cidadãos honestos e comprometidos com a polis, capazes de praticar o bem, possibilidade que está intimamente ligada a sabedoria, ou seja, a busca pela verdade.

O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA EDUCAÇÃO PLATÔNICA

O termo educação é oriundo do latim *educere* que significa extrair, tirar, desenvolver. Tal perspectiva está diretamente relacionada com a compreensão platônica de educação, pois o filósofo a compreende como a formação do caráter, um esforço sistemático para se extrair o que cada indivíduo tem potencialmente de melhor. É a atividade criadora que visa levar o ser humano a realizar as suas potencialidades física, moral, espiritual e intelectual. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda

a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la.

Na contemporaneidade entendemos que a educação é um processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte. É um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação do consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento dos seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. A educação é um processo sistemático de aprendizado em função de propósitos que são estabelecidos pela sociedade que educa. Platão desenvolveu uma reflexão que toma como objeto justamente a formação do homem grego para uma vida ativa e comprometida com a sua *polis*. Apresentou aspectos dessa reflexão no seu conhecido diálogo *A república* que será base para o nosso trabalho.

A república (Politeia), um dos mais importantes e influentes diálogos de Platão, composto entre 389 e 369 a.C., consagrado à filosofia política e tendo como tema central a justiça. Pode ser considerado como uma reflexão sobre a decadência da democracia ateniense, neste contexto, propõe um modelo de cidade-estado (a *polis* grega) ideal.

Para os gregos, o homem para ser bom, deveria necessariamente pertencer ao Estado, onde o mesmo exerceria a sua cidadania. Para Platão, o homem bom tinha que possuir conhecimento, ou sabedoria, pois o objetivo é construir um conhecimento que tenha uma função prática, possa ser aplicado na condução da vida pública. Na concepção de Platão, o Estado era o verdadeiro educador. A motivação pela qual a República foi escrita é de ordem prática, é vista como advertência e conselho. A justiça para Platão era uma qualidade espiritual na qual os homens afastavam os desejos irracionais, o egoísmo, acomodando-se ao exercício de uma função voltada para o benefício geral.

A reflexão apresentada em *A república* associa o tema da educação com todos os aspectos importantes para a constituição de uma cidade ideal. O problema do conhecimento, os temas sociais e políticos, os princípios pedagógicos estão todos entrelaçados. A problemática central do diálogo é a que diz respeito à justiça em função de uma cidade justa, mas essa reflexão exige pensar sobre a educação e o conhecimento de modo geral. Assim, o diálogo é composto por dez livros. Importa apresentar a divisão do diálogo e das temáticas destes livros para percebermos a importância atribuída à educação.

O livro I discorre sobre a natureza da justiça, o tema principal do diálogo, assume certa independência em relação ao restante do diálogo. A formação das lideranças (os guardiões) será o tema da reflexão dos livros II, III, IV e V. A formação dos governantes,

classe especial dos guardiões, apresentada nos livros VI e VII. Uma vez analisada a tarefa pública, Platão discorre sobre os modelos encontrados em outras experiências de cidades existentes (livro VIII). Diante do desafio de Trasímaco ao tratar das conveniências da tirania (livro IX), Platão termina (livro X), com a proposição de um mito (sobre a arte, o destino e a liberdade).

Uma preocupação guia a reflexão desenvolvida por Platão ao longo do diálogo: evitar que o caos se instaure de maneira completa na cidade. Tal preocupação era real, pois a *polis democrática*, da qual ele é contemporâneo, já não vivenciava uma tradição comum, mas continuava, como democracia, a submeter seus problemas e desafios ao princípio da discussão, tal procedimento certamente conduziria à anarquia, com a imposição de interesses particulares e a dispersão dos princípios comunitários. *A república* é escrita justamente para se encontrar princípios que pudessem salvar a cidade da dissolução que já se experimentava, segundo a reflexão platônica, com a morte de Sócrates, justamente aquele que tinha defendido os valores fundamentais para a constituição de uma cidade justa.

Se o que se deseja é a constituição de um Estado que tenha a marca do equilíbrio e da justiça, então a estrutura deste Estado deve ser pensada a partir de suas unidades constituintes, seus cidadãos. Assim, o equilíbrio social estará diretamente associado ao equilíbrio individual. Da mesma forma como a sabedoria no indivíduo resulta de um equilíbrio entre os três elementos que o compõem (os desejos físicos, os sentimentos e a atividade intelectual), também o equilíbrio de uma sociedade resulta de uma harmonia hierarquizada dos elementos que a compõem: a economia, a serviço dos desejos físicos; o exército, elemento sentimental da nação; a direção política, semelhante à função racional.

A harmonia da sociedade ideal requer pessoas qualificadas e que desempenhem as diferentes funções da cidade seja entregue aqueles que tenham experiência, maturidade e educação. E, sobretudo que cada indivíduo desempenhe funções de acordo com suas virtudes:

Será então possível censurar, sob qualquer aspecto, uma ocupação tal que nunca ninguém será capaz de exercer convenientemente, se não for de seu natural dotado de memória e de facilidade de aprender, de superioridade e amabilidade, amigo e aderente da verdade, da justiça e da temperança? (PLATÃO, 1949, 487 a).

Devemos lembrar que a virtude no sentido que é tomado na reflexão de Platão, designa uma qualidade ou característica de algo, uma força ou potência que pertence à

natureza de cada realidade. A virtude é uma qualidade positiva do indivíduo que faz com que este aja de forma a fazer o bem para si e para os outros.

Platão considerava a virtude como inata, como uma qualidade que o indivíduo traz consigo e que, portanto, não pode ser ensinada. Diferentemente de Aristóteles que considerava a virtude como uma realidade que podia ser adquirida, sendo na realidade resultado de um hábito. Daí a insistência de Platão em relacionar o equilíbrio na cidade com a distribuição de tarefas de acordo com as virtudes inatas dos indivíduos, e que o governo da cidade seja confiado a quem realmente tem aptidão e conhecimento para exercer o governo.

A EDUCAÇÃO DOS GOVERNANTES – FILÓSOFOS

A formação do filósofo e dos governantes é progressiva. A escolha dos futuros filósofos exige pessoas que tenham idade entre 45 e 50 anos, que tenham formação física e militar, intelectual e conhecimentos de matemática antes da filosofia. Por isso, eles, além de uma natureza nobre e viril, precisam de dotes naturais e adequados à educação. Assim, “É necessário agudeza de espírito para os estudos e facilidade para aprender” (PLATÃO, 1949, 535B). E, igualmente, é preciso memória e gosto pelo trabalho em todas as suas formas, pois a desvalorização da filosofia deve-se àqueles que se ocupam dela, não estando a sua altura. Nem todos têm aptidão para a formação exigida pela filosofia, e só aqueles que perseverassem no duro caminho da formação filosófica deveriam tratar dos problemas próprios da filosofia e do governo, pois “ Não deveriam ser os bastardos a tratar dela, mas os filhos legítimos” (PLATÃO, 1949, 535C). Platão associa a formação filosófica com a autêntica e adequada formação para o governo.

Platão dá maior importância à classe dos guerreiros e guardiões, pois deles tudo dependem. Essas classes deverão receber a educação especial, e os melhores destes guerreiros e guardiões serão preparados para assumir o governo da cidade:

Mas a formação do guardião-filósofo, não é tão fácil e comum assim não. São muitos anos de educação. O próprio Platão compara a vida do filósofo como uma forma de exílio. “Poucos são dignos de viver com a filosofia, a não ser qualquer espírito nobre e com boa educação, retido pelo exílio, e que, por falta de quem o corrompa, permanece fiel à filosofia” (PLATÃO, 1949, 496 b).

Por isso a formação dos cidadãos, guerreiros deve começar cedo na sua disciplina e educação, todos começam com sete anos com a ginástica e a música. Essa educação continua até os 20 anos quando começa a preparação militar, os mais bem-dotados dos guerreiros serão

os escolhidos. Esses perfeitos guardiões vão se tornar perfeitos filósofos para administrar o Estado. Eles passam logo a estudar, filosofia, matemática, astronomia, dialética e artes. Todo esse demorado processo é para se capacitarem e adquirirem experiências com o exercício de diferentes cargos públicos.

O Estado justo será aquele no qual reine uma harmonia que constitui a expressão de uma ordem hierárquica e de uma separação entre as suas partes constituintes: os filósofos como dirigentes, os soldados para a defesa e os artesãos para a produção dos meios de sobrevivência. A frente do Estado deve ser colocado os melhores, aqueles que constituem a aristocracia do saber, o que explica a necessidade de serem educados no conhecimento filosófico. Justamente a partir desta função diretiva atribuída aqueles que tiverem sido submetidos a um processo mais demorado de formação, portanto detentores de um conhecimento mais primoroso sobre as necessidades dos homens e da sua vida social, é que o tema da educação é cotejado no interior da reflexão política.

[...] quando os governantes, um ou vários, forem filósofos verdadeiros, que desprezem as honrarias atuais, por as considerarem impróprias de um homem livre e destituídas de valor, mas, por outro lado, que atribuam a máxima importância à retidão e às honrarias que dela derivam, e consideram o mais alto e o mais necessário dos bens a justiça, à qual servirão e farão prosperar, organizando assim a cidade... Todos aqueles que tenham ultrapassado os dez anos, na cidade, a esses mandá-los-ão todos para os campos; tomarão conta dos filhos deles, levando-os para longe dos costumes atuais, que os pais também têm, criá-los-ão segundo a sua maneira de ser e as suas leis, que são as que já analisamos. E assim, da maneira mais rápida e mais simples, se estabelecerá o Estado e a constituição que dizíamos, fazendo com que ele seja feliz e que o povo em que se encontrar valha muito mais (PLATÃO, 1949, 540d/e-541a).

Platão idealiza um princípio novo para a educação, pois educando o homem para a justiça e para o bem, poderá alcançar uma vida feliz e justa através da educação do povo e do Estado. Só os filósofos podem governar o Estado, pois podem solucionar todos os problemas, fazendo uma junção entre filosofia e política. Como é próprio da reflexão platônica concebe-se que a justiça tem valor em si mesma, porém depende das condições para o seu exercício. Assim, ela é mais facilmente encontrada no exercício das atividades públicas (na cidade), do que nas pessoas tomadas isoladamente. Se tivermos meios para construir uma cidade justa, teremos condições de transpor a justiça para a conduta individual.

Nesse caso, a República pode ser interpretada como um tratado de educação, porém elaborado juntamente com a reflexão sobre os fundamentos administrativos do Estado. Tal perspectiva interpretativa pode ser sustentada a partir do “programa” educativo proposto no Livro VII de *A república*. Os especialistas consideram que este livro foi redigido nos anos de

353 ou 352 a.c., ele apresenta um resumo dos principais problemas filosóficos abordados pelo pensador ateniense. Além disso, leituras mais recentes apontam para o entendimento de que esse texto tem um conteúdo autobiográfico e sua confissão pela paixão que dominou sua vida, a política (Conf. REALE, 1994).

Considerando essas observações anteriormente apresentadas, passemos ao texto do Livro VII que traz a famosa alegoria. A alegoria da caverna tem o intuito de demonstrar os obstáculos em que o filósofo vai encontrar no seu trajeto para poder alcançar a ciência do conhecimento. Pois o mesmo se torna aquele que é capaz dos desafios e contemplar a verdadeira luz do sol que é o bem, entendido por Platão como tudo o que possui um valor moral ou físico positivo, constituindo o objeto ou o fim da ação humana.

No livro VII da República, Platão narra uma história que se tornou célebre com o nome de *mito* ou *alegoria da caverna*. Seu objetivo é fazer compreender a diferença entre o conhecimento grosseiro, que vem de nossos sentidos e de nossas opiniões (*doxa*), e o conhecimento verdadeiro, ou seja, aquele que sabe apreender, sob a aparência das coisas, a ideia das coisas.

A alegoria pode ser resumida da seguinte forma: Numa caverna, cuja entrada é aberta à luz, encontram-se alguns homens acorrentados desde sua infância, com os olhos voltados para os fundos, não podendo locomover-se nem virar as cabeças. Um fogo brilha no exterior, iluminando toda a caverna. Entre o fogo e a caverna passa uma estrada, ladeada por um muro da altura de um homem. Na estrada. Por trás do muro vários homens passam conversando e levando nas cabeças figuras de homens e de animais, projetadas no fundo da caverna. Assim, tudo o que os acorrentados conhecem do mundo são sombras de objetos fabricados. Mas como não sabem o que se passa atrás deles, tomam essas sombras por seres vivos que se movem e pulam, mostrando serem homens que não atingiram o conhecimento verdadeiro. Platão descreve o processo dialético através do qual o prisioneiro se liberta e lutando contra o hábito que tornava mais cômoda sua situação de prisioneiro sai em busca do conhecimento da verdade, passando por diversos e sucessivos graus de conversão de sua alma até chegar à visão da ideia de bem. Uma vez alcançado esse conhecimento. O prisioneiro, agora transformado em sábio, deve retornar à caverna para ensinar o caminho aos outros prisioneiros. Arriscando-se inclusive a ser rejeitado por eles.

Aqui está o cerne e o objetivo de toda educação: proporcionar uma qualitativa mudança de situação de nível de vida inferior para um nível superior, educação esta que é sinônimo de vida autenticamente humana. Em contrapartida, deve também aprender que a política só se justifica no serviço à ignorância. Tal mudança de

situação só é possível através daquele que já saiu da caverna e volta trazendo sua experiência, o filósofo (TEIXEIRA, 1999, p. 121).

Os leitores modernos consideram que este compromisso daquele que conseguiu liberta-se das trevas da caverna, o conhecimento sensível e imperfeito, com aqueles que ainda não atingiram este nível mais elevado do conhecer é o aspecto mais importante de qualquer projeto educativo. Compromisso político de se colocar ao serviço de propagar um conhecimento que possibilite uma reta compreensão da realidade, sem deformações. O próprio Platão ofereceu uma interpretação de sua famosa alegoria:

Meu caro Gláucon, este quadro –prossigui eu – deve agora aplicar-se a tudo quanto dissemos anteriormente, comparando o mundo visível através dos olhos à caverna da prisão, e a luz da fogueira que lá existia à força do Sol. Quanto à subida ao mundo superior e à visão do que lá se encontra, se a tomares como a ascensão da alma ao mundo inteligível, não iludirás a minha expectativa, já que é teu desejo conhecê-la. O Deus sabe se ela é verdadeira. Pois, segundo entendo, no limite do cognoscível é que se avista, a custo, a idéia do Bem; e, uma vez avistada, compreende-se que ela é para todos a causa de quanto há de justo e belo; que, no mundo visível, foi ela que criou a luz, da qual é senhora; e que, no mundo inteligível, é ela a senhora da verdade e da inteligência, e que é preciso vê-la para ser sensato na vida particular e pública (PLATÃO, 1949, p. 517b-c).

O processo de ascensão é destacado por Platão, pois só depois do custoso esforço para contemplar o bem é que cada indivíduo será capaz de ser causa do que há de belo e justo no mundo, de ser sensato e justo na sua vida privada e social. Segundo Platão é preciso soltar-se das correntes que nos fazem permanecer nas imagens do não-saber associadas com o fundo da caverna, para que quando sair possa conhecer o novo mundo do saber, com a conseqüente missão de ser guia para que outros possam fazer o mesmo caminho.

Assim, a alegoria da caverna apresenta a situação em que o prisioneiro se encontra, quando não se põe perante a luz, e, ao mesmo tempo, insiste que é preciso quebrar as algemas que prendem o não saber ou ignorância, para buscar nos lugares mais altos e íngremes o conhecimento ou saber. Mas, devemos entender o texto verdadeiramente como uma alegoria, como a representação de ideias por meio de imagens, ou seja, os personagens da alegoria devem ser tomados mais como a personificação de uma ideia do que como pessoas.

EDUCAÇÃO E CONHECIMENTO VERDADEIRO

Um dos objetivos centrais da reflexão apresentada na alegoria da caverna é abordar a possibilidade de o homem conhecer as coisas na sua transparência e, portanto da possibilidade

de se chegar à verdade. Assim, duas questões estão interligadas: apresentar a importância da educação para a constituição da República ideal, e analisar as possibilidades que se descortinam para os indivíduos a partir da educação, delineando os compromissos de cada um com a educação de todos.

A tarefa de cada um que já foi educado é ser guia para os que ainda não atingiram um estágio mais elevado, na alegoria mostrar o caminho da saída aos acorrentados da caverna, para que os mesmos superem a ignorância. Lembrando sempre que todo processo educativo é doloroso, implica romper com ideias arraigadas, costumes consolidados:

“O que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, a ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora” (PLATÃO, 1949, 515C).

Nessa perspectiva, podemos dizer que Platão faz uma provocação para quem assume a tarefa educativa. Insiste que o educador é aquele que provoca o educando a sair do comodismo, e não esconde que para sair deste estado de comodismo é necessário um esforço, uma prática dolorosa de ascensão. Sair das sombras ou da ignorância, para o mundo da realidade. Ciente que esse processo educativo poderá ser dolorido, pois exige esforço, e provoca mudanças.

O educador é aquele que cria ocasiões que possibilitam o conhecimento e a superação do educando, pois a experiência para a realidade não é fácil. Haverá sempre a possibilidade de se julgar como melhor e mais adequado aquilo que já se conhece, do que já se tem experiência:

E se ainda, mostrando cada um desses objectos que passava, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele se veria em dificuldades e suporia que os objectos vistos outrora eram mais reais do que os que agora, lhe mostravam? (PLATÃO, 1949, 515E).

Platão demonstra que o processo educativo começa dentro da própria caverna, pois o importante não é ver os objetos através do fogo, mas sim contemplá-los à luz do sol que é o conhecimento ou o bem. Sair da caverna não vai ser fácil. Pois tanto dentro ou fora da caverna terá dúvidas, sacrifício, perdas e mudanças.

E se arrancassem dali a força e o fizessem subir o caminho rude, e íngreme, e não o deixasse fugir antes de o arrastarem até a luz do sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois chegar à luz, com os olhos deslumbrados, nem sequer pudesse ver nada daquilo que agora dizemos ser os verdadeiros objectos? (...)Precisava se habituar, julgo eu, se quisesse ver o mundo superior. Em primeiro lugar, olharia imagens dos homens e dos outros objetos, refletidos na água, e, por último, para os próprios objetos. A partir de então, seria capaz de contemplar o que há no céu, o próprio céu, durante a noite, olhando para a luz das estrelas e da lua, mais facilmente do que se fosse o sol e o seu brilho de dia. (...) Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o sol e de contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer lugar, mas a ele mesmo, no seu lugar” (PLATÃO, 1949, 516^a-b).

Essa experiência dos acorrentados na caverna mostra o significado de um processo educativo capaz de levar o homem a sua condição verdadeira e sempre a seguir para cima a lugares mais altos. Platão sabe que não existe educação sem desafios, pois educar é também passar por provações e momentos de dúvidas e incertezas. Esse prisioneiro que consegue sair da caverna e tenta buscar o conhecimento, sair da caverna já é um aprendizado e uma superação para chegar à própria verdade.

O educado-educador é aquele que não teme buscar o valor do crescimento. Ele não teme caminhar pelos caminhos rudes e íngremes que fazem sair da caverna. Para ele, o que realmente importa é contemplar a verdadeira luz do sol que é o filho do bem. Essa contemplação é um Estado de espírito passivo aplicado a uma ideia ou a um objeto. É uma atividade do filósofo, visão e contemplação (teoria) do mundo das essências: a teoria ou contemplação é a visão, pela alma, no término da ascensão espiritual, da ideia do bem, último cognoscível, causa de tudo o que é direito e belo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos que Platão incorporou elementos da ética no sistema educacional que propôs. Um sistema purgado de formação do caráter será sucedido, numa idade segura e para discípulos capazes, por um desenvolvimento do intelecto. E cada discípulo será supervisionado por pessoas, que como sabem o que é bondade, sabem o que buscam. Para Platão, o bem é a ideia suprema e está acima das demais ideias ou formas, ele permite entender os princípios da unicidade e da multiplicidade.

O livro VII de *A república* apresenta os fundamentos éticos e epistemológicos da teoria de Platão sobre a cidade justa e sobre a formação dos governos e dos cidadãos. A fundamentação gira em torno da ideia de bem, finalidade de vida, condição de conhecimento e razão de ser do mundo. A partir das metáforas do sol, e da linha dividida e da alegoria da

caverna, Platão expõe as bases metafísicas de seu projeto político e educacional. Os graus do conhecimento da opinião comum (crenças e imagens) e da ciência (entendimento ou raciocínio) são demonstrados em relação aos processos dialéticos. O verdadeiro método dialético avança destruindo as hipóteses, a caminho do princípio do bem.

A importância da alegoria da caverna é poder oferecer subsídios para a Filosofia da Educação, pois Platão, em *A república*, procurou analisar a importância de se educar segundo uma cultura formativa adequada os líderes políticos que teriam de zelar pelo bem público. Assim, ele pensa a educação para todos os personagens sociais, por considerar que a coletividade é um conjunto e, como tal, as pessoas são unidas pelas necessidades, pelo trabalho e pela lei. Ao fazê-lo, deu condições para lançar as bases de uma nova pedagogia, que rompia com a tradição e estabelecia outras práticas educativas, tendo como escopo a educação para a inteligência e para a ética.

Entendemos que muitos dos ideais educacionais propostos por Platão servem para se pensar as práticas pedagógicas vigentes na sociedade atual. A mesma clareza e definição de objetivos não se encontram nas propostas educacionais da atualidade, as quais ainda buscam definir o perfil do homem que pretendem formar. Os atuais projetos são, em boa parte, obstaculizados pelo rápido desenvolvimento da ciência e da tecnologia, exigindo-se adaptações numa velocidade igual, o que impede a definição de uma proposta educacional mais estável.

ABSTRACT

A path of access to Platonic pedagogical thought is found in his most well-known dialogue, *The Republic*. The article assumes as objective to present some aspects of this educational project discussed in the work *The Republic*, more specifically in its chapter VII, in the famous Allegory of the Cave. A question guides our reflection: What is the idea of education in Plato? The context of Platonic educational theses involves the debate with the sophists as to how the educational process should be conducted. Thus, understanding education in Plato implies understanding the process of ascension, liberating oneself from the images of knowledge, individual opinions (*doxas*), until one reaches true opinion, right knowledge (*episteme*), analyzing the dialectic between sensible knowledge and intelligible knowledge. All these important themes for a presentation of aspects of the Platonic pedagogy are summarized in the famous dialogue that will be the object of our reflection.

Keywords: .Education. Allegory of the Cave. True knowledge

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANNAS, JULIA. **Platão**, tradução de Marcio de Paula S. Hack. – Porto Alegre, 2012. Coleção L&PM POCKET, v. 1028.

BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES. **O que é educação**. 33º Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1995.

GUINSBURG, J. **A República de Platão** / J. Guinsburg organização e tradução. São Paulo, Ed. perspectiva, 2016.

HARE, R. M. **Platão**, tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Ed. Loyola, 4ª edição, 2013.

JAPIASSU, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 4ª Ed. Atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PAVIANI, Jayme. **Escrita e Linguagem e Platão**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 1993 (Coleção Filosofia 5).

PAVIANI, JAYME. **Platão e a Educação**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9ª Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga: Platão e Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 1994. v. II.

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.